

**IMIGRAÇÃO LABORAL E O SETOR TÊXTEL-VESTUÁRIO DE SÃO PAULO:
NOTAS SOBRE A PRESENÇA BOLIVIANA NAS CONFECÇÕES DE COSTURA.**

Beatriz Isola COUTINHO¹

RESUMO: O crescimento da presença hispânica na cidade de São Paulo, principalmente dos imigrantes bolivianos nesta última década, está comumente relacionado com a produção de artigos de vestuário em pequenas confecções. Trata-se de um fenômeno complexo, cuja discussão é cada vez mais recorrente no meio acadêmico, institucional e midiático. Inserido no contexto de mundialização comercial e econômica, encontra-se permeado por ilegalidades e vicissitudes inerentes à dinâmica migratória. No presente trabalho, apresentamos algumas características deste fenômeno através do diálogo entre os conceitos e metodologias dos estudos sobre imigração, articulando-os com bibliografias específicas sobre os andinos no setor têxtil paulistano.

PALAVRAS-CHAVE: Imigração. Trabalho. Bolivianos. Confecções.

Introdução

O crescimento da presença hispânica na cidade de São Paulo, principalmente nesta última década, é fenômeno cada vez mais recorrente nas discussões acadêmicas, institucionais e midiáticas. A imigração de trabalhadores sul-americanos para a capital paulista está comumente relacionada com a produção de artigos de vestuário em pequenas e médias confecções. Dentre as nacionalidades estrangeiras atualmente empregadas no setor, levantamentos diversos destacam quantitativamente os estrangeiros de origem boliviana. Falamos de trabalhadores que entram em nosso país buscando a tão sonhada mobilidade social ascendente e acabam por sujeitar-se a extrema exploração do trabalho e péssimas condições de vida. A ampliação dos fluxos migratórios laborais entre os diferentes países demonstra a capacidade do capital de mobilização dos trabalhadores em âmbito mundial. No seu estudo sobre as condições de trabalho na sociedade moderna, Braverman (1981) faz constar as reservas estrangeiras de trabalho e sua importação para as cidades, adicionando à massa absoluta do proletariado. A degradação do trabalho e das condições de vida do trabalhador imigrante de língua espanhola nas confecções de vestuário é realidade pungente

¹ Bolsista CAPES. UNESP – Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências e Letras. Pós-graduação em Sociologia. Araraquara – SP – Brasil. 14800-901 – beatrizisolacoutinho@gmail.com

na capital paulista. A aparente atualidade do fenômeno esconde a histórica relação do setor com populações estrangeiras e com a localidade geográfica, fatos que precedem a chegada dos andinos e são essenciais ao seu entendimento.

O presente estudo compõe-se de três breves partes. Primeiramente, elucidamos os antecedentes históricos do setor na região central de São Paulo articulando-os com questões pertinentes aos estudos migratórios. Em um segundo momento, apresentamos dados e características da presença boliviana na capital paulista. Finalmente, expomos aspectos e agente pelos quais perpassam a diáspora andina. Intentamos demonstrar a complexidade imposta à análise deste operariado urbano.

Dinâmicas migratórias e economias étnico-nacionais

O continente americano traz consigo, em toda sua extensão territorial, a impressão dos grandes deslocamentos populacionais. Massas de trabalhadores e aventureiros cruzaram os mares nestes séculos de história para **fazer a América**. Em tempos recentes, a emigração laboral mudou suas formas, seus personagens, seus locais de origem e de destino. Outras características como a procura por melhores condições de vida e o envolvimento de imigrantes em determinados setores da economia permaneceram. Inúmeras foram as políticas imigratórias adotadas pelo Brasil ao longo de sua história e a contribuição de estrangeiros para a formação de cidades como São Paulo é imensurável. Vivenciamos nos últimos trinta anos o alargamento de novos fluxos imigratórios intra-regionais com direção a capital paulista, com o destaque para trabalhadores bolivianos empregados nas oficinas de costura dos bairros centrais. Retomamos brevemente alguns conceitos e metodologias dos estudos migratórios a fim de elucidar a presença andina.

Toda transferência requer um local de partida e um local de chegada, permeados por uma trajetória e um meio de fazê-lo. Envolve causas de princípios diversos que condicionam as escolhas dos indivíduos e/ou famílias que decidem mudar de país. De acordo com Fausto (1991), para o estudo das migrações, enquanto um fenômeno multicausal, faz-se necessária uma análise concomitante dos países de origem e dos países de destino. Desta bipolaridade territorial surgem os mecanismos interpretativos fatores de repulsão e fatores de atração, essenciais ao entendimento das lógicas para se cruzar a fronteira. Os meios de fazer a

travessia variam, assim como os trajetos percorridos, mas comumente envolvem atravessadores e redes de tráfico humano, organizadas transnacionalmente. Este mecanismo criminoso possibilita a entrada clandestina e a permanência ilegalizada dos imigrantes no novo país². A estadia indocumentada, sem o consentimento das autoridades, enseja aos estrangeiros o status criminoso de ilegal, acarretando inúmeros problemas à sua permanência, sujeitando-os a coerção, exploração e abuso (CACCIAMALI; AZEVEDO, 2006).

A ilegalidade jurisdicional é demarcada sobre esses indivíduos no local de destino, o Brasil. Outros traços como a baixa qualificação profissional e a transferência de jovens ou trabalhadores em idade produtiva, definem-se ainda no país de origem. Tais aspectos podem ser explicativos da preferência dos trabalhadores emigrantes por grandes cidades visto que estas apresentam maiores possibilidades de inserção laboral ou acesso a renda; e constam do comparecimento de imigrantes de igual ou diferentes nacionalidades e seus descendentes. Tal predileção contribuiria para a formação de cidades transnacionais, caracterizadas por redes interligadas entre diferentes localidades, conforme elucidada:

A migração internacional é, sobretudo, um mecanismo construtor de redes. Uma vez iniciada pelo recrutamento de trabalhadores ou outros fenômenos ativadores, o movimento cria uma rede de laços sociais a longa distância. O crescimento de tais laços sociais faz com que a decisão de transladar-se seja cada vez menos custosa, já que reduz a incerteza e os perigos da viagem para os imigrantes mais recentes. (PORTES, 2001, p.10, tradução nossa).

Uma inclinação à emigração faz-se presente também nos países e regiões de origem. A categoria de cultura migratória, apresentada por Marroni (2006), envolve projetos de vida; troca de informações; auto-reprodução do processo; e regiões de origem e destino unidas por meio de redes. “[...] A cultura migratória é um capital social de raiz comunitária, própria dos habitantes de um contexto específico, independentemente de que tenham ou não migrado, e de sua disposição ou rechaço em fazê-lo” (MARRONI, 2006, p.668, tradução nossa).

A categoria de capital social ocupa importante espaço nos atuais estudos imigratórios. De acordo com Portes (2000) cabe a Bourdieu (1985) a primazia na sistematização da análise do conceito ao defini-lo como “[...] o agregado dos recursos efetivos ou potenciais ligados à posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas de conhecimento ou

² O Estatuto do Estrangeiro distingue entre a entrada ou estada irregular do estrangeiro no Brasil como sendo ilegal o estrangeiro que entrou legalmente no país, porém, nele permaneceu deixando vencer o “visto de entrada”; e clandestino como sendo o estrangeiro que entrou no país sem autorização dos órgãos competentes, passando despercebido pela fiscalização de fronteira. Ambos são passíveis de multa e deportação quando descobertos pela polícia federal. (AZEVEDO, 2005, p.26).

reconhecimento mútuo [...]” (BOURDIEU, 1985, p.248 apud PORTES, 2000, p.134, tradução nossa). As redes de relações estabelecidas entre os imigrantes de iguais ou diferentes nacionalidades são favoráveis à criação e manutenção de empresas étnico-nacionais. A Sociologia Econômica que se dedica aos estudos de caso com imigrantes em diferentes países e cidades faz importante uso desta perspectiva. Normas tácitas de conduta lícita ou ilícita e ajuda mútua proporcionariam aos empreendedores imigrantes a possibilidade de estabelecerem-se com sucesso nos países de destino. Por sua vez, os negócios de origem estrangeira costumam cooptar mão-de-obra imigrante, uma vez que articulam com as redes de uma cultura imigratória estabelecida em ambas as extremidades do deslocamento ou nas cidades e bairros em que as empresas foram instauradas.

A concentração geográfica é uma das características apontadas para uma economia étnica. Integração e cooperação étnica, fontes étnicas de capital, trabalho e informação, restrições a competição intra-grupo, especialização ocupacional, solidariedade étnica e confiança em redes internacionais de base étnica são outros apontamentos característicos (GOLD, 1989). De acordo com Truzzi e Neto (2009), as relações cooperativas são formas de capital social das redes, especialmente importantes para o estudo das redes étnicas das culturas migratórias. Contratos, normas de confiança e informações redundantes advêm das relações cooperativas, permitindo a troca de informações e reciprocidade. Interações entre os participantes de uma comunidade surgem a partir das redes e economias étnicas originando um importante recurso para se alcançar a mobilidade social ascendente, o capital social constituído.

O lado negativo deste capital social está associado à articulação das redes com o propósito de exploração do trabalhador imigrante e sua sujeição ao trabalho degradante e péssimas condições de vida. Para tal finalidade, os empreendedores imigrantes se utilizam de meios espúrios, como o tráfico humano e a coerção. Em seus estudos sobre o setor têxtil-vestuário de Nova Iorque, historicamente controlado por estrangeiros, Waldinger (1984, p.61, tradução nossa) discorre sobre esta negatividade:

Onde o prestígio dos pequenos negócios é baixo e as condições de trabalho pobres e particularmente exigentes, a competição com os empreendedores nativos tende a ser minimizada; conseqüentemente, os imigrantes têm acesso facilitado ao próprio negócio. Além disso, uma vez que o mercado de trabalho em firmas pequenas é geralmente desestruturado, as conexões dos imigrantes com uma comunidade imigrante maior é fonte de vantagem considerável. Laços familiares e étnicos permitem aos proprietários

imigrantes mobilizar, treinar e manter uma força de trabalho estável e de baixo custo.

Atividades econômicas ligadas às nacionalidades e etnias, assim como às localidades geográficas específicas são comuns à urbanização de diversas cidades em diferentes países. Vários estudos de caso realizados com populações estrangeiras e seus descendentes apontam para uma forte conexão entre a imigração e o desenvolvimento de setores industriais e comerciais em especial. Da mesma forma, bairros onde residem e/ou trabalham imigrantes seriam lócus de economias étnicas, podendo originá-las ou atraí-las, assim como trazer novos estrangeiros. Destes fenômenos complexos, a literatura atina para alguns fatores comuns. O processo histórico de deslocamento populacional entre uma região de origem e uma região de destino constitui redes inerentes à dinâmica migratória. Estas serviriam à inserção econômica e social dos imigrantes em determinadas localidades, estabelecendo uma cultura migratória enquanto variável essencial à iniciativa de cruzar a fronteira e aos meios de fazê-lo. Uma vez existentes os elos transnacionais cooperativos, surge um capital social fundamentado na experiência da imigração. O conhecimento de tais mecanismos e seus funcionamentos, largamente discutido nas Historiografias da Imigração e mais recentemente na Sociologia Econômica, constitui interessante instrumental teórico para a compreensão do setor têxtil-vestuário na capital paulista, uma vez que as confecções são notadamente marcadas pela propriedade de imigrantes e pela utilização de da força de trabalho estrangeira, como veremos adiante.

Antecedentes e transformações da confecção de artigos vestuários na cidade de São Paulo.

A produção de artigos têxteis na cidade de São Paulo esteve fortemente ligada, durante todo o século XX, a comunidades imigrantes. Inicialmente, a produção voltada à comercialização das roupas associava-se aos italianos e judeus e, posteriormente, aos seus descendentes. Tratava-se de uma costura de alta qualidade, feita sob medida; confeccionada por meio de intenso trabalho manual qualificado; voltada para consumidores com poder aquisitivo. Progressivamente, a confecção de vestuário deixou o espaço doméstico, por meio do surgimento das primeiras alfaiatarias e casas de modismo que atendiam sob encomenda para um público limitado. Dominado por imigrantes, o ofício da costura e do comércio têxtil

teve seu cerne em núcleos familiares. A ocupação dos bairros centrais por grupos étnico-nacionais que ali estabeleceram residências, comércios e pequenas indústrias, segundo Dertônio (1970) foi fator importante para a urbanização e o estabelecimento de ruas com movimento contínuo de pessoas, como a Ladeira Porto Geral, no tradicional centro de compras da Rua 25 de Março. Logo, bairros como Bom Retiro, Brás, Pari e Sé, concentraram os negócios de diversos imigrantes e seus descendentes.

O ramo da costura e da comercialização de vestuário na cidade de São Paulo, dominado originalmente por europeus, vê-se ampliado, paulatinamente, para outras nacionalidades. Os imigrantes de origem chinesa e coreana que entraram no país a partir dos anos 60 e se estabeleceram nos bairros centrais tomaram posse, em grande parte, da produção de artigos de vestuário, como proprietários e trabalhadores. Esta fase foi marcada pelas grandes mudanças culturais ocorridas no mundo, essenciais a modificação dos padrões de consumo das roupas (KONTIC, 2001).

O aumento da procura por modismos, do volume das compras e dos locais de comercialização trouxe substanciais transformações ao setor, iniciadas nos anos 70 e consumadas nas décadas seguintes. Este período, apontado por Lupatini (2007), desloca o comando da cadeia têxtil-vestuário para os compradores, responsáveis por determinar preços e quantidades da produção³. Os consumidores dos artigos de vestuário procuram por produtos que estejam de acordo com as tendências da moda vigentes no exterior, estilos de vida retratados no modo de vestir e trazidos para o Brasil, sobretudo, através dos meios de comunicação. Um marco deste processo é a introdução do jeans estadunidense nos hábitos de consumo nacionais. Por sua vez, os proprietários das confecções, responsáveis pelas etapas finais na cadeia produtiva – transformar tecidos em roupas e vendê-las – procuram introduzir tecnologias a sua produção, consumindo fibras sintéticas e maquinário. A cidade de São Paulo assume papel de centro produtor de vestuários de massa, pólo reprodutor da massificação da indústria da moda alimentada pela expansão do poder de compra da população local e pela atração exercida por consumidores de outras localidades. As confecções fabricavam localmente os caros produtos importados a preços inferiores, paulatinamente, especializando-se e introduzindo avanços tecnológicos essenciais para a fabricação em larga escala.

O deslocamento do comando para os compradores é igualmente apontado por Garcia e

³ A cadeia têxtil-vestuário compreende variadas indústrias como a química e a agropecuária; as indústrias de maquinário e tecnologia; a indústria têxtil e as confecções. No presente estudo centramos nossos interesses sobre esta última. As confecções são consumidoras das demais indústrias da cadeia.

Cruz-Moreira (2004, p.275), destacando a importância dos vendedores de vestuário que “[...] ocupam posições estratégicas no final da cadeia e são capazes de concentrar as atividades de pesquisa, concepção, desenvolvimento de produto e design, vendas, marketing e serviços [...]”. Os proprietários das confecções, frequentemente, são os vendedores de sua produção. Não raro observa-se que na frente ou abaixo das encobertas oficinas que utilizam costureiros imigrantes existem lojas abertas ao comércio dos vestuários fabricados, voltadas ao atacado e ao varejo⁴. A capacidade das confecções em adaptar tendências da moda impostas por grandes marcas e eventos internacionais ao gosto e capacidade de compra nacional, destacada por Garcia e Cruz-Moreira (2004, p.297), é essencial à manutenção do setor. Conforme elucidam:

Dois dos principais predicados desses produtores são a rapidez e a eficiência, já que eles têm sido capazes de, rapidamente, recriar as tendências de moda lançadas nas passarelas, adaptando-as ao consumidor comum e à produção em escalas mais elevadas. Para isso, utilizam materiais menos caros, incorporam melhorias no processo produtivo e intensificam sua capacidade de comando da complexa cadeia produtiva, o que lhes permite obter menores custos de produção e incrementar sua competitividade.

O trabalho de concepção e desenvolvimento dos produtos vestuários, assim como as tarefas de pesquisa, compra dos insumos necessários à produção e à comercialização ficam circunscritos aos proprietários das oficinas de costura e/ou as marcas e empresas contratantes do seu serviço. Os costureiros imigrantes desempenham funções meramente de execução, como o corte dos moldes já fabricados, o cosimento das partes e o acabamento final. Participam muito pouco ou quase nada na criação das peças, realizando o trabalho alienado onde a máquina não substitui e requer o fator humano, o ofício da costura.

A capital paulista “[...] se consolidou como o centro de comando da cadeia têxtil-vestuário brasileira em virtude da sua capacidade em sediar atividades-chave para a dinâmica da indústria [...]” (GARCIA; CRUZ-MOREIRA, 2004, p.292). Dentre essas **atividades-chave** encontram-se a criação e a comercialização dos produtos, fortemente inseridas na região central de São Paulo e nas confecções. As oficinas de costura se reorganizaram diante da reestruturação produtiva sofrida pelo setor, principalmente a partir dos anos 90, com a

⁴ A distinção entre atacado e varejo compreende a quantidade dos produtos a serem comercializados. Neste primeiro, vende-se um grande volume de peças a compradores que posteriormente irão revendê-las. O comércio varejista destina-se ao consumidor final, feito em pequenas quantidades. São Paulo tornou-se não somente um pólo nacional da moda, como também concentra a produção e comercialização atacadista e varejista de artigos têxteis. A produção atacadista da capital paulista tem ao menos três mercados principais. Donos de lojas multimarcas que vem de todas as regiões do país buscar mercadorias; grifes e marcas especializadas que subcontratam as oficinas de costura e lojas de departamento e hipermercados que terceirizam sua produção.

abertura do mercado aos produtos asiáticos, exigindo a diminuição com os custos da produção a fim de competir com os baixos preços dos importados. A subcontratação de pequenas confecções por grandes marcas e lojas varejistas e a redução das despesas com a mão-de-obra são características desse processo. Novas formas organizacionais como a terceirização e a subcontratação, conforme elucida Harvey (2005), são pertinentes à acumulação flexível e correspondem à formação dos mercados de massa, aceleração do consumo e dos modismos.

A década de 90 demonstrou o início da ampliação hispânica na capital paulista, majoritariamente de bolivianos. Nesse ínterim, a passagem da produção de vestuários em larga escala para os **novos imigrantes** asiáticos, notadamente coreanos, era notável, sobretudo nos bairros centrais de São Paulo. Intensifica-se a utilização da força de trabalho andina no ramo da costura, substituindo a mão-de-obra coreana que se tornara escassa com o fim da emigração desta nacionalidade para a capital e em detrimento dos costureiros nordestinos, amparados pelas leis trabalhistas brasileiras (CACCIAMALI; AZEVEDO, 2006). A importação de trabalhadores estrangeiros para o setor é ponto central à redução dos gastos com o trabalho, uma vez que a estadia ilegalizada desta mão-de-obra os deixa a margem dos direitos sociais e trabalhistas. Somam-se a isto motivações específicas à imigração, tais qual a dedicação a longas jornadas de trabalho com o objetivo de pagar os custos da viagem, ou de acumulação rápida de capital por parte do imigrante, para o envio de remessas aos familiares e/ou investimento no posterior retorno.

A imigração boliviana

A entrada dos bolivianos no Brasil, recuperada por Silva (2005) remonta a década de 50, ocasião em que vieram para a capital paulista estudantes e profissionais liberais. As décadas seguintes demonstraram uma mudança no perfil do trabalhador emigrado da Bolívia para São Paulo. Homens e mulheres em idade produtiva, com baixa qualificação profissional que entraram clandestinamente no país em busca de oportunidades de trabalho e renda. Muito embora a ilegalidade dificulte que saibamos os números exatos desta população, estimativas diversas aclaram para sua importância e seu crescimento nos anos 90 e nos anos 2000. De acordo com o governo boliviano, estima-se que 20% da sua população viva no exterior, aproximadamente dois milhões de indivíduos, sendo o Brasil considerável pólo receptor desta

emigração, estatisticamente superior somente na Argentina e nos Estados Unidos (Serviço Nacional de Imigração da Bolívia, 2004). Os levantamentos aqui realizados apontam São Paulo como principal cidade de destino, com grande concentração desta nacionalidade nos bairros centrais e sua vinculação as oficinas de costura. No entanto, as pesquisas divergem consideravelmente quanto aos números desta imigração:

[...] o Consulado da Bolívia calcula 50 mil indocumentados, a pastoral dos imigrantes acredita habitem mais de 70 mil bolivianos indocumentados em São Paulo, sendo 35 mil só no bairro do Brás; o Ministério do Trabalho e Emprego tem uma estimativa que varia entre 10 e 30 mil indocumentados; o Ministério Público fala em 200 mil bolivianos ao todo (regulares e irregulares), o Sindicato das Costureiras fala em 80 mil trabalhadores irregulares (o que inclui famílias brasileiras e bolivianas) (CYMBALISTA; XAVIER, 2007, p.6).

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) registrou, no censo realizado em 2000, apresentado por Souchaud (2010), 8.919 nascidos na Bolívia residentes na capital paulista e sua região metropolitana. Fica evidente que “[...] existe uma defasagem entre esse número e as múltiplas estimativas do volume da presença dos imigrantes bolivianos na Grande São Paulo [...]” (SOUCHAUD, 2010, p.267). Ainda que o IBGE tenha apresentado números menores aos que acreditamos corresponderem à realidade dos bolivianos em São Paulo, confirmaram sua concentração geográfica na região central e o predomínio da ocupação com a fabricação de artigos de vestuário⁵. Quer seja pela indocumentação dos bolivianos ou pelo método de coleta baseado na especificidade de residente, conforme observa Souchaud (2010), o IBGE não fornece exatidão para o caso desta população. Igualmente encontramos dificuldades em mensurar a quantidade de confecções de propriedade imigrante e/ou empregadoras de mão-de-obra estrangeira ilegalizada e o número de trabalhadores sob esta condição jurisdicional. Todavia, sabemos da aglomeração produtiva e comercial dos artigos de vestuário pertinente à região central do município de São Paulo, assim como o processo de acumulação flexível vivenciado pelo setor no qual a importação de mão de obra estrangeira está inserida.

A cooptação de costureiros para as oficinas comumente envolvem atravessadores e redes de tráfico humano, organizadas transnacionalmente. Os proprietários das confecções habitualmente arcam com os custos da viagem, submetendo os recém-chegados ao regime de

⁵ Os dados coletados no último levantamento censitário no ano de 2010, a respeito da comunidade boliviana, ainda não se encontram disponíveis para consulta.

servidão por dívida⁶. Aqueles que vêm por conta própria se inserem no setor por meio de contatos com outros bolivianos que podem ser feitos no país de origem ou na própria capital, articulando com as redes estabelecidas. Nas cidades de *Santa Cruz de La Sierra, La Paz e Cochabamba*, a veiculação de propagandas em cartazes e rádios locais sobre a oportunidade de trabalhar como costureiro no Brasil, com falsas promessas de lucros rápidos e garantidos é descrita por Silva (2005). Igualmente, Cacciamali e Azevedo (2006, p.8) observam que “[...] nessas localidades o recrutamento é realizado por várias mídias nas cidades de maior porte e redes de contato informais nas vilas andinas”. Este mecanismo criminoso possibilita a entrada clandestina dos imigrantes que permanecerão, majoritariamente, indocumentados no novo país. A estadia de maneira ilegal, sem o consentimento das autoridades, enseja aos estrangeiros o status criminoso de clandestinidade acarretando inúmeros problemas à sua permanência, sujeitando-os a coerção, exploração e abuso.

Os imigrantes recebem valores entre 0,15 e 0,50 centavos por peça costurada, justificando as longas jornadas de trabalho que não raramente ultrapassam 16 horas diárias. Nesse ritmo, seu ganho mensal é em média 500 reais por mês. As péssimas condições de vida, descritas por Silva (1997, 2006) e outros autores, são denunciadas com frequência pela mídia. Os costureiros bolivianos moram nas próprias oficinas, dividindo pequenos espaços onde dormem e cozinham em condições precárias, pouco saindo às ruas. O medo de ir e vir causado pelo status clandestino é alimentado pelos donos das confecções como ferramenta de coerção, uma vez que pelas leis brasileiras de imigração, são passíveis de deportação todos os estrangeiros sem documentação legal. A intensa exploração desta força de trabalho sustenta a competitividade das oficinas de costura e faz da região central importante pólo para o comércio popular de vestuários.

Apesar das dificuldades encontradas pelos andinos que decidiram migrar para São Paulo e trabalham nas oficinas de costura, o deslocamento apresenta-se para estes enquanto oportunidade de uma mobilidade social ascendente. Nas imigrações laborais a almejada ascensão social é contabilizada pelo imigrante por meio da conversão cambial. Não basta somente mover-se com rumo a regiões economicamente mais prósperas, a valorização da moeda estrangeira em relação a sua nacional, deve compensar o deslocamento. Os lucros em

⁶ A servidão por dívida caracteriza-se pelo impedimento da vítima poder deixar o seu trabalho ou a terra onde trabalha até que sua dívida seja quitada. Ou seja, trabalhadores podem ser privados de sua liberdade por dívidas contraídas com adiantamentos por agentes de recrutamento e transporte, muitas vezes empreiteiros de mão-de-obra para proprietários de terra ou para outros setores (ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO – OIT, apud CACCIAMALI; AZEVEDO, 2006, p.4).

Real obtidos com o trabalho no Brasil podem mais que quadruplicar seu valor em Bolivianos, servindo à manutenção dos familiares que permaneceram por meio do envio de remessas e a construção de casas próprias e pequenos negócios⁷. A influência das remessas enviadas por emigrantes para o desenvolvimento econômico dos seus países de origem é fortemente presente na América Latina:

No caso específico da Bolívia, em 2006, os recursos enviados por emigrantes somaram US\$ 972 milhões, o que representa um crescimento de 13% em relação a 2005. Atualmente, esta é a segunda principal fonte de divisas do país, sendo superada apenas pelos ganhos obtidos com a exportação de gás natural, de acordo com informações do Centro Boliviano de Economia (Cebec). (HIRSCH, 2008, p.10).

Os dados acima apresentados mostram-nos a importância que os deslocamentos populacionais assumem para o trânsito de capital. Corresponderia ao que Portes (2001, p.14, tradução nossa) define como um transnacionalismo feito por baixo “[...] criado por gente comum e corrente que busca melhorar sua situação [...]”. De acordo com o autor, nas grandes cidades e metrópoles coabitam esse transnacionalismo feito por baixo e um transnacionalismo feito por cima através dos meios de comunicação e transporte, sob o comando de grandes atores financeiros e corporativos.

As oficinas de costura paulistanas que se utilizam da força de trabalho estrangeira assumem papel fundamental não somente para a reestruturação produtiva apresentada pelo setor têxtil-vestuário como também para o processo de circulação de trabalhadores e capital. Insere-se num complexo emaranhado de redes permeadas por ilegalidades presentes nos dois pólos do deslocamento, a origem e o destino. Compreender a formação e o crescimento de um novo operariado urbano nas confecções de roupas da capital paulista requer retomar a história da imigração no setor e estabelecer diálogo com a crescente presença boliviana.

Aspectos jurisdicionais e atores

Os imigrantes bolivianos empregados no setor têxtil reconhecem a necessidade de melhoria das suas condições de vida e trabalho. No entanto, a mobilização destes trabalhadores em prol de mudanças ainda é tímida e fortemente coibida pela indocumentação

⁷ O Boliviano (BOB) é a moeda nacional da Bolívia. No dia 14/07/2011 a conversão de um Real geraria 4,4126 Bolivianos. Fonte: Banco Central do Brasil (BCB, 2011).

e suas consequências. Sabem que sob o aspecto jurisdicional de clandestino ou ilegalizado é que se sustenta a atração deste fluxo de imigratório que se por um lado, impõe a precarização do trabalho, por outro, representa a oportunidade de melhorar de vida. A exposição acarreta o risco de fazer recair sobre si o efeito da ação legal, traduzida na deportação e no fim do sonho de **fazer a América**. Para os proprietários das confecções, as perdas resumem-se às multas e à necessidade de importar novos trabalhadores⁸.

A diminuição dos custos com o fator trabalho encontra-se não somente no baixo valor pago por peça costurada aos trabalhadores. Os estrangeiros indocumentados não têm acesso aos direitos garantidos pela Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) como a carteira assinada e contratos trabalhistas; férias remuneradas e períodos de descanso; décimo terceiro salário e pagamento de horas extras, além do direito a associação sindical. Os rendimentos dos imigrantes sequer alcançam o piso salarial da categoria que varia entre R\$ 676,00 para trabalhadores não qualificados e R\$ 888,00 para trabalhadores qualificados (valores reajustados em 8,58% neste ano de 2011)⁹. Cabe lembrar que a presença dos bolivianos nas oficinas de costura da capital paulista, em condições de trabalho análogas ao escravo, está em desacordo não somente com o conjunto das leis brasileiras como também com os tratados internacionais dos quais o país é signatário¹⁰.

É crescente o número de fiscalizações realizadas pelo poder público nas confecções de vestuário de São Paulo. Seu objetivo é reprimir o trabalho escravo na capital, fazendo valer os compromissos internacionais e constitucionais assumidos. Sua atuação tornou-se importante instrumento para a localização e caracterização das oficinas de costura que se utilizam de mão-de-obra imigrante. O Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) tem aplicado multas vultuosas a grandes lojas de atacado e marcas responsáveis pela subcontratação das confecções. Por intermédio da Polícia Federal e da Superintendência Regional do Trabalho e Emprego de São Paulo (SRTE-SP) as encobertas oficinas insalubres tem sido invadidas, expondo os esquemas ilegais de contratação que dinamizam o setor têxtil-vestuário.

⁸ A resolução Normativa do Conselho Nacional de Imigração n° 74 de 09/02/2007, publicada no Diário Oficial da União em 13/02/2007 é responsável por disciplinar os procedimentos para autorização de trabalho a estrangeiros, bem como dá outras providências. A pessoa jurídica interessada na chamada de mão-de-obra estrangeira, em caráter permanente ou temporário, deverá solicitar autorização de trabalho junto à Coordenação-Geral de Imigração, órgão do Ministério do Trabalho e Emprego. O não cumprimento da norma acarreta problemas aos funcionários estrangeiros e não somente aos empresários contratantes.

⁹ O Sindicato das Costureiras de São Paulo e Osasco representa a categoria na capital paulista, tem sede no Bairro do Bom Retiro. Integra a Confederação Nacional dos Trabalhadores nas indústrias do Setor Têxtil, Vestuário, Couro e Calçados (CONACCOVEST).

¹⁰ Ver Cacciamali e Azevedo (2006).

Destacamos a importância do trabalho realizado por organizações não governamentais e comunidades eclesiais de base com a população imigrante de São Paulo. Dentre eles destacamos a ONG Repórter Brasil, enérgica divulgadora de notícias relacionadas ao trabalho escravo na capital paulista e no Brasil. Pertencente à Missão Escalabrana junto aos migrantes em São Paulo, o Centro Pastoral do Imigrante, acolhe e presta assistência aos imigrantes, além de manter diálogo constante com o meio acadêmico.

Considerações finais

A significação das migrações internacionais para a formação de conexões entre os países e regiões de origem e países e regiões de destino é fundamental. Por meio deste diálogo constroem-se redes complexas cuja análise é essencial para a compreensão das novas configurações do trabalho no espaço urbano. A presença dos bolivianos nas confecções de vestuário da capital paulista demonstra que o Brasil tornou-se um pólo de atração para as imigrações laborais intra-regionais contemporâneas. Quer seja pela facilidade em cruzar as fronteiras nacionais ou pelo relativo desenvolvimento econômico apresentado pelo país nos últimos anos, esse fenômeno é crescente. Diante desta realidade, faz-se necessária uma ampliação da ação dos sindicatos e do poder público sobre a temática, assim como sua discussão pela sociedade civil e o meio acadêmico.

Diferentemente dos deslocamentos históricos, significativos até o primeiro quartel do século XX, os estrangeiros que atualmente cruzam as nossas fronteiras vivenciam outras relações de trabalho, pautadas na ilegalidade jurídica e na mundialização comercial e econômica. A indocumentação, característica predominante entre os costureiros bolivianos, é fator determinante para a análise destes trabalhadores e do setor em que se empregam. Segrega-os dos direitos sociais e trabalhistas sujeitando esta mão-de-obra a extrema exploração sobre a qual está assentada à competitividade e os lucros dos produtores e comerciantes de artigos de vestuário.

LABOUR IMMIGRATION AND SÃO PAULO'S TEXTILE SECTOR: NOTES OF BOLIVIAN PRESENCE IN THE GARMENT FACTORIES.

***ABSTRACT:** The growth of the hispanic presence in São Paulo city, mostly bolivian immigrants in the last decade, is commonly related with the garment production in small factories. It is a complex phenomenon, whose discussion is increasingly in the academia, institutional environment and media. Placed in the context of globalization, is permeated with illegality and inherent dynamics migration events. In this article, we present some features through dialogue between concepts and immigration study methodologies, articulating them with specific bibliography about Andean workforce in São Paulo's textile sector.*

KEYWORDS: *Immigration. Work. Bolivian. Garment.*

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, F. A. G. **A presença de trabalho forçado urbano em São Paulo:** Brasil/Bolívia. Dissertação (Mestrado em Integração da América Latina). 2005. 80f. Programa de Pós-Graduação em Integração da América Latina. PROLAM. Universidade de São Paulo. São Paulo: USP, 2005.

BANCO CENTRAL DO BRASIL (BCB). Disponível em:
<<http://www4.bcb.gov.br/pec/conversao/conversao.asp>>. Acesso em: 14 jul. 2011.

BRAVERMAN, H. **Trabalho e capital monopolista: a degradação do trabalho no século XX.** Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

CACCIAMALI, M. C.; AZEVEDO, F. A. G. Entre o tráfico humano e a opção da mobilidade social: os imigrantes bolivianos na cidade de São Paulo. **Cadernos PROLAM/USP**, São Paulo, v.1, n.8, p.129-143, 2006.

_____. Trabalho forçado: exclusão ou opção pela inclusão? **Organização Internacional do Trabalho (OIT) Brasil.** Disponível em:
<http://www.oitbrasil.org.br/trabalho_forcado/brasil/documentos/artigo_f.pdf>. Acesso em: 11 jul. 2010.

CYMBALISTA, R.; XAVIER, I. A Comunidade Boliviana em São Paulo: definindo padrões de territorialidade. **Cadernos Metrópole**, São Paulo, n. 17, PUC/SP-IPPUR/UFRJ, 2007. Disponível em: <http://www.miurbal.net/pub06_en.html>. Acesso em: 17 jun. 2009

DERTÔNIO, H. O bairro do Bom Retiro. **História dos bairros de São Paulo.** São Paulo: Secretaria de Educação e Cultura, 1970. v.9.

FAUSTO, B. (Org.). **Fazer a América.** São Paulo: EDUSP, 2000.

_____. **Historiografia da imigração para São Paulo.** São Paulo: FAPESP, 1991.

GARCIA, R.; CRUZ-MOREIRA, J. O complexo têxtil-vestuário: um cluster resistente. In: COMIN, Á.; SOMEKH, N (Org.). **Caminhos para o Centro: Estratégias de**

Desenvolvimento para a região central de São Paulo. São Paulo: PMSP- EMURB/ CEBRAP-CEM, 2004.

GOLD, S. J. **Chinese-vietnamese entrepreneurs in Southern California**: na enclave with co-ethnic customers? San Francisco: American Sociological Association, 1989.

HARVEY, D. **Condição pós-moderna**. Rio de Janeiro: Loyola, 2005.

HIRSCH, O. Migrações sul-sul: o caso dos bolivianos no Brasil e na Argentina. **Observador On-line**, [S.l.], v.3, n.4, abr. 2008. Disponível em: <http://www.opsa.com.br/images/pdf/observador/33_observador_topico_Observador_v_3_n_4.pdf>. Acesso em: 25 mai. 2010.

KONTIC, B. **Aprendizado e metrópole**: a reestruturação produtiva da indústria do vestuário em São Paulo. 2001. 168f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2001.

LUPATINI, M. **Relatório setorial final**: têxtil e vestuário. Rio de Janeiro: FINEP, 2007.

MARRONI, M. G. Migrantes mexicanas em los escenarios familiares de las comunidades de origen: amor, desamor y dolor. **Estudios Sociológicos**, México, v.24, n.72, mai. 2006. Disponível em: <http://migrantologos.mx/articulos_maestros/TextoGloria.pdf>. Acesso em: 01 mar. 2010.

PORTES, A. Capital social: origens e aplicações na sociologia contemporânea. **Sociologia, Problemas e Práticas**, Lisboa, n.33, p.133-158, set. 2000.

_____. Inmigración y metrópolis: Reflexiones acerca de la historia urbana. **Migraciones Internacionales**, Mexico, v.1, n.1, p.111-134, 2001.

SILVA, S. A. Bolivianos em São Paulo: entre o sonho e a realidade. **Estudos Avançados**, São Paulo, v.20, n.57, p.157-170, 2006.

_____. **Bolivianos**: a presença da cultura andina. São Paulo: Editora Nacional, 2005.

_____. Clandestinidade e intolerância: o caso dos bolivianos em São Paulo. CEM - Centro de Estudos migratórios. **Travessia**: Revista do Migrante, São Paulo, n.30, jan. 1998.

_____. **Costurando Sonhos**: trajetória de um grupo de imigrantes bolivianos em São Paulo. São Paulo: Paulinas, 1997.

SOUCHAUD, S. A imigração boliviana em São Paulo. In: FERREIRA, A. P. et al. (Ed.). **Deslocamentos e reconstruções da experiência imigrante**. Rio de Janeiro: Garamond, 2010. p.267-292.

TRUZZI, O; NETO, M. Economia e empreendedorismo étnico: balanço histórico da experiência paulista. In: MARTES, A. C. B. (Org.). **Redes e sociologia econômica**. São Carlos: Ed. da UFSCAR, 2009.

WALDINGER, R. Immigrant Enterprise in the New York Garment Industry. **Social Problems**, California, v.32, n.1, p.60-71, out. 1984.